



Especial

O ESTADO DA ARTE DO JORNALISMO ECONÔMICO BRASILEIRO DOS ANOS 50 À PRIMEIRA DÉCADA DE 2000

Eun Yung Park ¹

RESUMO: Este artigo apresenta o desenvolvimento histórico do jornalismo econômico brasileiro desde a década dos anos 50 a primeira década de 2000 relacionando as características de cada período com a conjuntura vigente. Na década de 80, durante a conhecida hiperinflação, surgiu o jornalismo econômico de prestação de serviços, que ensinava a população a se proteger contra a corrosão do seu dinheiro como mostrando a forma de calcular o aumento do aluguel e demais pagamentos. Os inúmeros pacotes anunciados pelos diversos governos forçaram os jornalistas a decifrar termos e medidas técnicas, analisá-los, interpretar as consequências na vida do cidadão, na saúde financeira da empresa e na economia nacional em geral, ou seja, compreender melhor a micro e a macroeconomia. Com o Plano Real, a inflação é controlada, a economia é estabilizada e o jornalismo econômico passa a ter um perfil de apresentar à população as diversas possibilidades de investimentos e aplicações de curto, médio e longo prazo. Nota-se um esvaziamento de uma reflexão macroeconômica e uma valorização da microeconomia das empresas e do mercado financeiro na imprensa econômica em geral.

PALAVRAS-CHAVE: *História. Economia. Jornalismo Econômico. Brasil.*

ABSTRACT: This article presents the historical development of the Brazilian business journalism since the decade of the 1950s to the first decade of 2000 relating the characteristics of each period with the current political situation. In the 80s, during the hyperinflation period, business journalism as service arose, who taught the population to protect against corrosion of their money as showing how to calculate the increase in rent

¹ Professora e Doutora em Ciências da Comunicação, ambos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo: E-mail: eypark@usp.br

and other payments. The numerous packages announced by various governments forced journalists to decipher terms and technical measures, analyze them, interpret the consequences in the lives of citizens, the financial health of the company and the national economy, what made them better understand the micro and macroeconomics. After the “Plano Real”, the inflation became controlled, economy is stabilized and business journalism is replaced by a profile to present to the public the various possibilities of investment and short applications, medium and long term. Note is an emptying of a macro-economic thinking and an appreciation of the companies micro-economy and the financial market in the business press in general..

KEYWORDS: *History. Economics. Business Journalism Brazil.*

1. Um breve histórico: do mercantilismo ao liberalismo econômico

Desde a Renascença, entre os séculos XV e XVI, o intercâmbio de mercadorias e o jornalismo econômico, na sua forma mais primitiva, caminharam lado a lado. As informações e análises financeiras e comerciais sempre foram essenciais na vida dos empresários e mercadores para realizar suas decisões de negócios. As atuais páginas dos jornais com múltiplas colunas sobre transações do mercado financeiro americano, da bolsa de Valores de Nova Iorque e de outras partes do mundo têm como antecedentes as primeiras publicações produzidas há quase 500 anos. “Entre 1540 e 1580, alguns jornais da Antuérpia e Veneza, os grandes entrepostos comerciais da época, que serviam de referência ao comércio internacional, publicavam os preços das principais mercadorias negociadas nestas praças. Nestes casos, a cobertura ‘econômica’ chegou a sobrepujar a cobertura política em importância e prestígio.”²

Mercadores e intermediários, fundadores das primeiras ações negociadas mundialmente, deram o passo inicial para solucionar os problemas de preços no mercado internacional introduzindo uma publicação sobre o “preço circulante” chamada The Rate of Commodities

² ESPOSITO, Maurício Pontes. *A reestruturação de setor elétrico brasileiro na visão do jornalismo econômico*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000. Pg. 41.

Valid in Amsterdam (*Cours van der comenschappen soo die in Amsterdam geldende sijn*) em 1585. É interessante ressaltar que a variedade de mercadorias eram impressas, mas os preços eram escritos a mão.

Depois de um quarto de século, as publicações sobre o preço-circulante tomaram uma forma jornalística, já nessa época tanto a variedade de mercadorias e os preços eram impressos e não mais escritos a mão, e as informações eram fornecidas para um público mais abrangente. “A mais antiga dessas publicações é datada em 23 de novembro de 1609, que continha informações de mais de 200 mercadorias negociadas pelos membros da Amsterdam Produce Market”³. Os ingleses só apresentaram suas publicações de preço-circulante quase 75 anos depois, o mais antigo foi publicado em 1667.

Segundo Espósito, com a expansão do comércio internacional no século XVII, informações sobre o tipo e preço das principais mercadorias que eram vendidas, embarcadas e comercializadas, taxas de câmbio das diferentes moedas tornaram-se indispensáveis em alguns jornais impressos dos centros comerciais e financeiros como Londres, Amsterdã e Hamburgo. Podemos notar, portanto, que com o desenvolvimento da internacionalização comercial, o jornalismo econômico foi se aperfeiçoando para atender as necessidades de uma nova economia mundial.

Os jornais que continham informações de preço circulante ganharam mais importância ainda com o crescimento das colônias na América. O comércio de mercadorias expandiu-se ao longo da costa leste do continente americano, o comércio estava internacionalizando e a imprensa escrita tinha a necessidade de acompanhar esse fenômeno. Com a chegada das técnicas de impressão na América, foi publicado em 1752, o primeiro jornal com o conteúdo econômico e notícias financeiras do centro político e econômico da época, a Europa, que eram

³ KIRSCH, Donald. *Financial and economic journalism: analysis, interpretation and reporting*. New York: New York University Press, 1978. Pg. 2.

de fundamental interesse dos empresários e comerciantes. Os principais jornais sobre notícias de embarcações disponíveis para cargas, preços de mercadorias e informações sobre tendências de consumo eram o “*Pennsylvania Evening Post and Daily Advertiser*”(1783), o “*Pennsylvania Packet and Daily Advertiser*” (1784) e o “*New York Daily Advertiser*” (1785).

Segundo Wayne Parsons, os jornais⁴ ditos econômicos que tiveram maior destaque neste período foram justamente aqueles que tinham um enfoque internacional maior, isto é, artigos sobre outros centros comerciais e financeiros, informações sobre as colônias, matérias sobre mercadorias produzidas e comercializadas em outros territórios e demais coberturas sobre tendências comerciais e desdobramentos políticos e sociais no mundo. Em outras palavras, as publicações que obtiveram maior sucesso eram justamente aquelas que orientavam e forneciam informações que “cumpriam as necessidades básicas para o desempenho da atividade empresarial”⁵ dos comerciantes, banqueiros e empresários da época. O autor destaca que sempre existiu a troca de informação privilegiada e benefícios exclusivos para um grupo pequeno em qualquer sociedade.

Para Maurício Espósito, ao mesmo tempo em que as informações indispensáveis para o mercado foram ganhando espaço nos jornais da Europa e da América do Norte, começam a ser publicados os debates sobre teoria econômica e de administração. Nesta mesma época, o livro *A riqueza das nações* de Adam Smith(1776) e as cartas do economista David Ricardo são amplamente divulgados pelos jornais tornando os debates sobre teoria econômica do livre mercado mais calorosos.

Na segunda metade do século XIX, surgem os grandes jornais e revistas de economia e a imprensa econômica ganha vida própria, com vigor comercial e tornam-se empresas

⁴ Lloyds List; Collection of The Improvement of Hunsbandry and Trade; Course of Exchange; Lloyds News.

⁵ ESPOSITO, Maurício Pontes. *A reestruturação de setor elétrico brasileiro na visão do jornalismo econômico*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000. Pg. 42.

independentes e lucrativas. É nessa época que é fundada a revista inglesa, The Economist, tida como uma das mais abrangentes coberturas sobre política, economia e empreendimentos até os dias atuais. “Em sua fundação, em 1843, a The Economist anunciava que viria para difundir ideias e reportar os fatos. A publicação foi a grande defensora do livre comércio e do pensamento econômico liberal, que baseava, de certa forma, a política de colonização do Império Britânico.”⁶ Foi também nesta mesma época que surgiram os periódicos ingleses Financial Times (1884) e Financial News (1888), que mais tarde fundiram para formar o Financial Times na década de 40. Os dois jornais tinham como finalidade atender a demanda crescente de investidores no mercado financeiro de Londres do final do século XIX e continham também opinião econômica. O papel principal dessas publicações nesta época era convencer os investidores e especuladores do mercado financeiro londrino que ainda viam com certo receio o mercado de ações. “O logotipo do jornal Financial News, por exemplo, era acompanhado de um subtítulo *Um jornal diário dedicado aos interesses dos investidores*. Em 1888, quando o Financial Times começou a circular, primeiro como *Guia Financeiro de Londres*, o editorial proclamava que o objetivo principal do jornal era trazer ao leitor as últimas notícias do mundo a respeito de finanças e dos mercados.”⁷

Com o aumento da complexidade da economia mundial e o crescimento acelerado das atividades financeiras e especulativas, os jornais econômicos que se limitavam a fornecer informações sobre o comércio de mercadorias passaram a aumentar a cobertura de finanças e negócios, principalmente, sobre negociação de ações. Apesar da grande importância, a discussão macroeconômica desempenhou um papel menor nos jornais no final do século XIX e no início do XX.

Após a Primeira Grande Guerra e a recessão econômica após a crise de 1929, o comportamento dos jornais de economia e negócios nos Estados Unidos e no Reino Unido

⁶ Idem. Pg. 44.

⁷ KYNASTON, David. *The Financial Times – a centenary history*. Reino Unido: Viking, 1988. pg.14.

sofreram transformações. Segundo Parsons, é na metade dos anos 30 que o jornalismo econômico britânico e norte-americano começam a ganhar mais independência e qualidade. “A retomada econômica após a crise de 29 foi articulada por meio de fortes intervenções estatais, que significavam investimentos públicos e gastos sociais.”⁸ Daí em diante, as ideias do economista britânico John Maynard Keynes foram ganhando espaço diante do conteúdo liberal que até então prevalecia nos jornais. Keynes apoiava o pensamento econômico de valorização do Estado como corretor das deficiências do mercado e indutor do desenvolvimento, ao contrário do pensamento econômico dominante, de caráter liberal, que o lucro individual e a prosperidade. O discurso de Keynes foi bem recebido e aclamado na época, pois respondia aos anseios da população que vivenciava a destruição física da Europa causada pela Primeira Guerra Mundial e as discussões de políticas e intervenções estatais na reconstrução da infraestrutura dos países estavam em alta.

Até o final do século XIX, os jornais ditos econômicos limitavam-se em exercer influência na população na especulação financeira ou ainda servir como agenda econômica dos grandes empresários; após a crise de 29, eles perderam a sua credibilidade. Mesmo após o crash da Bolsa de Valores de Nova Iorque, os periódicos como *Business Week* e *The New York Times* sustentaram um discurso otimista que previa uma pequena queda na produção industrial e uma breve retomada da economia americana. Além disso, não eram raros os casos de jornalistas que recebiam propinas para recomendar certas ações em suas colunas sobre o mercado financeiro. Com a credibilidade e a reputação extremamente afetadas, nos anos 30, a imprensa econômica britânica e a norte-americana reconhecem a profundidade e a gravidade da crise e realizam debates sobre teoria econômica, soluções para a depressão mundial, combate à subida dos preços nos mercados, investimentos públicos e gastos sociais, dinamizam essas discussões na sociedade e voltam a conquistar maior credibilidade.

⁸ ESPOSITO, Maurício Pontes. *A reestruturação de setor elétrico brasileiro na visão do jornalismo econômico*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000. Pg. 47.

Essas discussões sobre gerenciamento das economias nacionais deixando o aspecto individual do lucro e prosperidade em segundo plano tiveram muita influência dos pensamentos de Keynes que defendia a ideia de um Estado com participação ativa na condução econômica, seus estudos foram mais conhecidos e disseminados principalmente através das centenas de artigos de jornais que escreveu. “Na batalha das ideias... o jornalismo para ele (Keynes) era um modo de descoberta e um meio de persuasão e disseminação”⁹

Os pensamentos desse economista ultrapassaram as paredes das salas de aula e as fronteiras britânicas e conquistaram seguidores no mundo inteiro. Mesmo após a sua morte em 1946, economistas formados na tradição keynesiana levaram as ideias de Keynes para os mais altos foros de discussão econômica. Inclusive quando John F. Kennedy assumiu a presidência, em 1961, levou para Washington um grupo seletivo de economistas keynesianos para formar a equipe de seu governo.

O jornalismo econômico britânico e o norte-americano ganham mais qualidade e conquistam mais independência a partir da metade dos anos 30 justamente quando o empresariado dos países centrais questiona o sistema de livre competição. Segundo Espósito, nesta época a preocupação e o debate passam a ser a racionalização, economia de escala, fusões de empresas, produção em massa e gerenciamento científico do ambiente empresarial e macroeconômico, o que permitiu um aperfeiçoamento do jornalismo econômico e maior respaldo entre as massas ao cobrir e dinamizar o questionamento existente.

O Estado foi retratado como principal corretor das deficiências do mercado e responsável pelo desenvolvimento pela imprensa econômica por muito tempo, por vezes reforçada por fatos históricos como a Segunda Grande Guerra quando voltaram as discussões sobre a reconstrução dos países e suas economias e a Guerra Fria quando o controle estatal sobre a economia dos regimes comunistas foi tema de debates no mundo ocidental.

⁹ PARSONS, Wayne. *The power of the financial press*. Rutgers University Press, 1989. Pg. 55.

Porém, a partir dos anos 70, “O modelo keynesiano, de intervenção estatal na economia, do Estado garantidor dos benefícios sociais, do pleno emprego, do endividamento público para financiar o papel público no desenvolvimento, começa a ser criticado pelos acadêmicos monetaristas e liberais. O crescimento das taxas de inflação nos países desenvolvidos e os baixos índices de crescimento econômico contribuem para aumentar o tom das críticas e o debate é ampliado para a opinião pública.”¹⁰. O pensamento de Keynes perde forças nos Estados Unidos e na Europa e isso reflete novamente na imprensa econômica nos grandes centros capitalistas. Ocorre uma mercantilização da informação sem precedentes históricos; com a desregulamentação dos mercados financeiros, um claro incentivo ao lucro privado, a informação transforma-se em uma mercadoria com valor negociado; o jornalismo econômico volta a exercer o papel de prestar serviços às finanças e negócios individuais.

As informações sobre oportunidades de negócios e investimentos individuais, lucro empresarial, especulação financeira, prosperidade pessoal passam a ocupar muito mais espaço do que os comentários e debates macroeconômicos sobre o modelo econômico vigente, suas consequências e soluções para os problemas. “A tendência tem sido a dos palpites crescerem em número e substituírem os teóricos: vender ações mais do que ideias e explicações. Em outras palavras, atender as necessidades dos leitores enquanto investidores e dos assessores de imprensa.”¹¹

O jornalismo econômico de incentivo ao debate e reflexão macroeconômica perde força e espaço, as reflexões e questionamentos presentes nas coberturas jornalísticas atuais são fracas e brandas, por outro lado, artigos sobre acumulação de lucros individuais, oportunidades de negócios, especulação financeira voltada principalmente na prosperidade individual não é

¹⁰ ESPOSITO, Maurício Pontes. *A reestruturação de setor elétrico brasileiro na visão do jornalismo econômico*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000. Pg. 51.

¹¹ PARSONS, Wayne. *The power of the financial press*. Rutgers University Press, 1989. Pg.213.

somente uma tendência como uma realidade do jornalismo econômico mundial como do jornalismo econômico brasileiro como veremos a seguir.

2. Jornalismo econômico Brasileiro: o início

O começo do jornalismo econômico brasileiro tem origem no modelo desenvolvimentista do governo populista de Juscelino Kubitschek e sua consolidação ocorre na década de 70 com o modelo capitalista de desenvolvimento dependente sob o regime autoritário. Os dois modelos de desenvolvimento têm em comum a abertura para o capital estrangeiro, contudo diferem no regime político que os sustentam e no grau de desenvolvimento econômico e tecnológico. Partindo dos estudos do jornalista Aylê Salassié Figueira Quintão, um dos poucos pesquisadores sobre a história do jornalismo econômico brasileiro, a cobertura dos assuntos econômicos no país começou a receber destaque a partir das restrições políticas praticadas pelo regime militar e com os programas de desenvolvimento econômico desenvolvidos pelos generais como veremos ao longo deste capítulo.

74

Até os anos 50, “a marca dos assuntos econômicos nas páginas dos grandes jornais de informação geral são as pequenas notas ou artigos isolados que tratam de questões específicas relacionadas com os interesses do comércio e dos cafeicultores, contendo informações sobre produção, exportação, movimento dos portos ou taxas cambiais.”¹² Existia um ou outro artigo sobre assuntos econômicos espalhados pelas páginas de política geral, isto é, as informações de economia não tinham um espaço fixo ou reservado especialmente para elas e as informações das notas como dos artigos referiam-se, na maioria das vezes, ao movimento nos portos e à produção do café, que era o principal produto de exportação. Nesta época, o noticiário tinha origem nas agências estrangeiras de informação, nas câmaras de comércio ou no Ministério da Fazenda.

¹² QUINTÃO, Aylê Salassié F. *O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964*. Rio de Janeiro, Agir, 1987. Pg. 47~48.

Havia ainda os Jornais do Comércio de propriedade privada que cobriam assuntos gerais como outros grandes jornais que esporadicamente utilizavam temas econômicos em seus editoriais e alguns artigos. Estes jornais caracterizavam-se, principalmente, por terem como sua principal fonte de receitas: editais de cartórios, protestos, atas de assembleias, balanços de empresas, ou comunicados de empresas ao público. Os jornais de comércio pareciam não ter a pretensão de se tornarem jornais de circulação nacional, a distribuição restringia-se às regiões ou cidades em que eram editados e, além disso, não acompanharam o crescimento econômico do país que na década de 50 atingiu uma taxa média de 7% ao ano. A falta de um perfil de vanguarda e espírito de mudanças estruturais e organizacionais dos jornais de comércio tornou-os debilitados financeiramente e defasados tecnologicamente o que levou a total decadência destes jornais que mantiveram o conservadorismo editorial e tecnológico.

O jornal paulista *O Estado de S. Paulo* foi provavelmente um dos jornais pioneiros a produzir matérias econômicas que se anteciparam à versão oficial do governo brasileiro, o que provocou inquietações tanto entre as classes produtoras quanto entre a classe política. Os primeiros artigos especializados sobre economia deste jornal foram escritos por Frederico Heller, um jornalista alemão, doutor em Economia, que fuge da perseguição nazista; seus artigos são escritos em alemão ou francês e precisavam ser traduzidos para veiculação. Depois deste alemão, Julio Mesquita Filho ainda convidou outros dois jornalistas estrangeiros para escreverem matérias de assuntos econômicos. Um deles é Giles Lapouge, um jornalista francês que não se adapta ao Brasil e volta depois de dois anos à Paris, mas que continua enviando matérias importantes sobre problemas brasileiros e suas relações com o exterior. O outro é Roberto Appy, também um jornalista francês especializado em economia que garante sua permanência no Estado de S. Paulo como analista de assuntos econômicos. Tanto o material de Lapouge quanto de Appy que escreviam em francês tinham que ser traduzidos para serem publicados. “Contando com dois analistas de economia e um correspondente internacional cobrindo alguns temas econômicos de interesse do Brasil, no dia 12 de junho de 1949 *O Estado*

de S. Paulo lança seu *Suplemento Comercial e Industrial*, um caderno especial, formato tablóide, semanal, com 12 páginas.”¹³

Assim surgiu o *Suplemento*, o primeiro informativo de negócios do país, produzido por Heller, Appy e Lapouge. Segundo Quintão, este informativo fazia uma cobertura parcial da situação econômica mundial baseando-se nas matérias enviadas pelas grandes agências noticiosas estrangeiras como a France Press, Reuters e Ansa, ou ainda escritas pelos seus colunistas.

No concorrente “Folha de S. Paulo”, também por volta de 1950, existiam jornalistas que se dedicavam exclusivamente aos assuntos econômicos. No Rio de Janeiro, o “Última Hora”, fundado em 1951 por Samuel Wainer, tem um grupo de colunistas que escrevem artigos analíticos de assuntos econômicos. “[...] o Jornalismo Econômico praticado até a metade da década de 50 é representado principalmente pelo colunismo – jornalismo mais analítico do que noticioso”¹⁴. É importante destacar que o jornalismo daquele período tinha uma intenção clara de influenciar e, realmente, influenciava, a ponto de direcionar a política econômica do país.

3. A fase de transição: do jornalismo analítico ao factual

Segundo Quintão, a abertura de entrada de capitais estrangeiros para a industrialização do país incentivada pela política desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek em 1955 significou, além da chegada das grandes multinacionais industriais ao país, a vinda das agências internacionais de publicidade que trouxeram dinamismo e muito dinheiro aos jornais brasileiros. Isso justifica o investimento na criação de seções e cadernos especiais para as notícias sobre economia e o aumento de importância da cobertura econômica.

¹³ Idem. Pg. 50.

¹⁴ Idem. Pg. 51.

Neste período, o jornalismo econômico deixa de ser apenas analítico e torna-se mais factual, a quantidade de notícias e de informações sobre os fatos econômicos aumenta. Armando de Faria chama esta fase do jornalismo econômico brasileiro, entre o final dos anos 50 e início dos anos 60, de *transição*, é a fase em que “A maioria dos jornais passa a organizar seções de economia, os assuntos cobertos se diversificam (indústria, portos, siderurgia, energia, preços, agricultura, Ministério da Fazenda) e já se distinguem os primeiros repórteres *especialistas*. Começa a se delinear a cobertura sistemática dos assuntos econômicos.”¹⁵

Apesar disso os fatos econômicos só tinham destaque quando transformados em fatos políticos, ou seja, apenas quando um partido político discursava a favor ou contra o capital estrangeiro, relacionava um programa de exploração do petróleo e de riquezas minerais no seu plano de governo, ou ainda saía em defesa da exportação de produtos primários como o café, é que o fato econômico tornava-se importante. Portanto, podemos afirmar que o noticiário econômico, nesta fase de transição, servia apenas como um instrumental para valorizar o conteúdo do noticiário político. Segundo Quintão, as fontes eram, em geral, os políticos e os partidos, e, por essa razão, os assuntos de economia eram divulgados com uma linguagem cheia de jargões políticos que eram reinterpretados pela imprensa de acordo com as conveniências, interesses e linha política de cada jornal.

A política desenvolvimentista e a abertura do mercado brasileiro ao capital multinacional sustentada e praticada pelo governo de Juscelino Kubitschek resultou no aumento de oferta de empregos, no desenvolvimento da produção brasileira de artigos que antes eram importados, como automóveis e máquinas agrícolas, e em uma taxa de crescimento de produto industrial de 16,2% em 1958, em uma época em que a taxa média de um grupo de países industrializados era de 1,1%. A população brasileira estava otimista com o governo e o futuro da nação, a

¹⁵ FARIA, Armando Medeiros de. *O jornalismo econômico e a cobertura sobre a privatização* (1990/1991). Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1994. Pg. 27.

imprensa¹⁶, por sua vez, divulgava notícias cujo conteúdo era de deslumbramento com o desenvolvimento econômico.

É importante lembrar que as empresas jornalísticas gozavam de certos privilégios, como a taxa de câmbio diferenciada para importação de papel. As empresas multinacionais, que adquiriram diversos setores importantes da economia e que poderiam ameaçar com seus grandes investimentos, estavam impedidos pela legislação de serem proprietários ou sócios de jornais no Brasil. Portanto, as organizações jornalísticas não precisavam se preocupar com um concorrente em potencial e não tendo concorrentes não se preocupavam em investir na capacitação dos seus profissionais que tinham que buscar outros empregos para complementar o baixo salário de jornalista.

A retórica em defesa do capital estrangeiro também pode ser compreendida pelo papel exercido pelas grandes agências de publicidade norte-americanas e europeias na sobrevivência financeira das empresas jornalísticas no Brasil. Essas agências de publicidade tiveram uma grande influência na abertura do mercado brasileiro e nas mudanças de hábitos e costumes da população local. A missão principal dessas instituições era direcionar e orientar a política de modernização através do incentivo ao consumo de bens e serviços oferecidos pelas multinacionais. Nota-se que essa modernização pode ser descrita como ocidentalização, ou ainda, americanização dos hábitos e costumes de um povo.

O governo de Jânio Quadros que substituiu Juscelino Kubitschek propõe uma diminuição dos déficits públicos e a redução dos privilégios fiscais e tributários. Os jornais passam a enfrentar custos elevados de produção devido ao corte de subsídios para o papel-jornal e uma pressão reivindicatória de salários por parte dos sindicatos dos jornalistas. Nessa fase crítica para a viabilidade empresarial, os jornais dependem quase totalmente das verbas de divulgação das agências de publicidade estrangeiras para sua sobrevivência. Por outro lado, as agências de

¹⁶ O Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo também criam nesta época seus cadernos de economia.

publicidade aproveitam para divulgar os produtos e serviços das empresas multinacionais instaladas no Brasil e conquistar definitivamente o mercado.

Depois da rápida passagem de Jânio Quadros, João Goulart assume um governo populista e percebe a grande influência das empresas multinacionais no direcionamento político, econômico e cultural do país e tenta sem sucesso controlar a entrada de capital estrangeiro. Nos últimos meses de seu governo, as multinacionais participaram abertamente nas discussões sobre a política interna e influenciaram diretamente nas opiniões dos jornais, que omitiam certas informações e destacavam outras de interesse das multinacionais que eram a principal fonte de renda na grande imprensa brasileira. Segundo Quintão, a imprensa brasileira neste momento político era “um alvo fácil para o capital estrangeiro, que tenta abrir espaços em todos os segmentos da vida econômica do País, inclusive na indústria editorial.”¹⁷

Essa participação das empresas multinacionais no direcionamento político, econômico e cultural do Brasil e na produção dos principais jornais levou a imprensa a se envolver com a discussão sobre o nacionalismo e com a luta contra a presença do capital estrangeiro no país. Outros segmentos sociais, grupos de trabalhadores¹⁸ e mobilizações sindicais articulam diversas campanhas contra o capital estrangeiro no país que acabam incentivando o agrupamento da burguesia junto aos setores conservadores, reacionários internos e externos, civis e militares para defenderem seus interesses e levantam uma bandeira anticomunista, em defesa à livre iniciativa, à propriedade privada e ao respeito à hierarquia na área militar. Além disso, “no começo dos anos 60, com a alta das taxas de inflação e declínio das taxas de crescimento, o

¹⁷ QUINTÃO, Aylê Salassié F. *O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964*. Rio de Janeiro, Agir, 1987. Pg. 60.

¹⁸ Classes operárias com apoio dos escalões militares inferiores.

otimismo cedeu lugar ao descontentamento e críticas.”¹⁹ Em meio ao descontentamento popular e a desestabilização política, culmina a derrubada do regime civil pelos militares.

4. A fase da consolidação: jornalismo econômico a partir de 64

Com o golpe militar de 64, os partidos políticos são extintos, políticos, líderes estudantis, jornalistas e cidadãos são perseguidos e cassados pela repressão. Uma nova Lei de Imprensa²⁰ (Nº 5.250 de fevereiro de 1967) e uma nova Lei de Segurança Nacional são editadas, a censura é fortalecida embasada em leis e decretos e o jornalismo político é confinado a um plano secundário. Diferentemente do jornalismo econômico da fase de transição, a editorias de economia ganham mais espaço e autonomia após 64. Uma explicação comum que é dada por jornalistas e estudiosos para a valorização de assuntos econômicos é que como não podíamos criticar diretamente o regime ditatorial e repressivo dos militares, a saída era criticar a estrutura econômica do país. Ou ainda, que assuntos sobre economia, esportes, mundo acabaram ganhando força e as manchetes dos jornais porque a censura impedia os profissionais a escreverem sobre política sem ter que enfrentar problemas e que conseqüentemente, as editorias de política foram encolhidas proporcionalmente.

Porém, essas explicações justificam apenas parcialmente o crescimento da importância das editorias de economia, não se pode ignorar “que o próprio noticiário econômico da época era oficial e legitimava o regime instalado”²¹. Como foi visto anteriormente, o início dos anos

¹⁹ ESPOSITO, Maurício Pontes. *A reestruturação de setor elétrico brasileiro na visão do jornalismo econômico*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000. Pg. 57~58.

²⁰ Segundo Quintão, “Na nova Lei de Imprensa, nº. 5.250, assinada no dia 9 de fevereiro de 1967, o § 3º da Lei é alterado por um decreto-lei que, contrariando todas as normas jurídicas em vigor, institucionaliza a presença alienígena na imprensa brasileira, permitindo a estrangeiros a propriedade e orientação intelectual de empresas jornalísticas e editoras no Brasil.”

²¹ RAMADAN, Nancy Nuyen Ali. *Jornalismo econômico de prestação de serviços e instituições financeiras – uma revisão necessária*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1994. Pg. 17.

60 foi marcado pela inflação, declínio da taxa de crescimento e déficit no balanço de pagamentos e o governo precisava mostrar serviço e agilidade em suas ações através de reformas na economia, com as mudanças na política fiscal, redistribuição de recursos, criação do sistema financeiro de habitação e hipoteca(SFH), instituição de um mercado financeiro de títulos públicos com garantia do Tesouro Nacional e incentivo às poupanças, investimentos com a correção monetária e novamente com a abertura da economia ao investidor estrangeiro.

Apesar de existir ainda um sentimento nacionalista contra essa abertura, o governo utilizou justificativas para convencer a população de que era uma ação para garantir a afirmação nacional e para reconquistar o prestígio do Brasil junto às nações desenvolvidas. O governo faz crer que o Brasil pode repetir ou até superar o feito de países como Alemanha Ocidental, Japão, Coréia do Sul e Espanha que se recuperaram economicamente através de investimentos estrangeiros. “Criam-se mecanismos de incentivos à entrada da moeda estrangeira no País, facilitando a remessa de lucros. Oferecem-se à exploração recursos naturais em abundância e inexplorados, mão de obra e um mercado consumidor potencialmente amplo.”²²

O sistema empresarial baseado no tripé formado pelo capital do Estado, iniciativa privada nacional e empréstimos estrangeiros monta um projeto de desenvolvimento para aceleração do crescimento da economia em que o capital estrangeiro pode atuar no país sem distinção das empresas nacionais e com o compromisso de “redirecionar o atraso cultural das massas trabalhadoras para os valores da sociedade capitalista proposta.”²³ Esse projeto tinha como objetivo garantir um acelerado crescimento econômico, consolidar o sistema capitalista no país, inserir o Brasil no sistema econômico mundial e transformá-lo em uma das principais potências mundiais e participar do rol dos países do primeiro mundo em um futuro próximo.

²² QUINTÃO, Aylê Salassié F. *O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964*. Rio de Janeiro, Agir, 1987. Pg. 64.

²³ Idem.

O jornalismo econômico no regime autoritário é caracterizado pelo oficialismo e ausência de crítica. Esse jornalismo oficial em que o jornalista trabalha apenas com as notas oficiais abrem espaço e fortalecem as teses tecnocráticas de Roberto Campos e Otávio Gouveia de Bulhões entre outros. No final dos anos 60 e início dos anos 70, o país atravessa uma fase de extraordinário crescimento, a renda da classe média aumenta e o clima é de euforia. A imprensa fundamentada no discurso oficial é triunfalista e otimista que divulga altas taxas de crescimento e cálculos indecifráveis de econometria, resumindo era um jornalismo essencialmente preocupado com a macroeconomia.

5. A fase da mistificação: jornalismo econômico no “milagre”

No final dos anos 60 e início dos anos 70, mais especificamente após o golpe militar de 64, as reformas na economia implantadas pelos governos militares incentivaram os investimentos privados e sua rentabilidade, resultando em grandes taxas de crescimento. Nesta mesma época, os espaços dedicados aos assuntos econômicos aumentam nas páginas de jornais e revistas. A cobertura praticada neste período, entretanto, é de valorizar as decisões do regime militar e o processo de desnacionalização econômica intitulada de “milagre econômico”²⁴.

Surgiram nesta época, setores e órgãos do governo federal responsáveis pela política econômica que se aproximaram dos jornalistas através das assessorias de imprensa. Essa aproximação de uma parte da mídia ao governo militar, a autocensura e a censura forçada provocaram a diminuição de assuntos políticos nas páginas dos periódicos, em contrapartida, os espaços dedicados aos artigos sobre economia cresceram. Quintão define esse fenômeno de ápice do preenchimento do espaço físico dos jornais, sem relacionamento com a qualidade da

²⁴ A expressão “milagre econômico” foi usada pela primeira vez numa reportagem publicada na revista *The Economist* onde as taxas de crescimento do Brasil de 1970 a 1974 eram comparadas com as da Alemanha Ocidental, do Japão e da Coreia.

cobertura, ou seja, reforça a ideia apresentada anteriormente de que a imprensa serve de instrumento para fazer propaganda oficial e legitimar as políticas governamentais.

A taxa de crescimento em 1970 alcança 12% e continua elevada até 1974, superando os índices médios de crescimento dos países industrializados. Esse crescimento econômico associado aos incentivos fiscais que proporcionam a oportunidade de as empresas tornarem-se sociedades anônimas de capital aberto acabou estimulando os negócios no mercado de capitais que até então praticamente não existia. A intenção do governo era estimular as negociações na Bolsa e levar as empresas familiares a abrirem o capital e a modernizarem-se.

O suplemento de economia do jornal Correio da Manhã, o Diretor Econômico chega para inaugurar uma nova postura do jornalismo econômico brasileiro. O governo federal lançou ações e títulos e coube ao Diretor Econômico a difícil tarefa de estimular psicologicamente a população a investir no mercado de capitais. Esse suplemento, diário editado por Washington Novais, Aloísio Biondi e Aloísio Santos, de 16 páginas que tratava exclusivamente de negócios do mercado convenceu a população de que qualquer cidadão poderia investir na Bolsa através de grandes reportagens sobre as empresas e seus negócios. Em 1971, o número de negociações e os ganhos na Bolsa atingem o seu auge, o que levou pequenos poupadores, empregadas domésticas e até jornalistas a apostarem suas economias no mercado de capitais. Depois de quatro meses de *boom*, a Bolsa sofre quedas tão grandes quanto os ganhos e cresce a desconfiança do público novamente e, de tabela, a credibilidade do Diretor Econômico fica abalada atingindo o próprio Correio da Manhã.

O suplemento adota um posicionamento crítico em relação ao governo, denunciando irregularidades e torna públicas as ações políticas que o governo pretendia esconder. O Correio da Manhã é obrigado a suspender a publicação do Diretor Econômico apesar de ter sido a principal ferramenta do governo para alcançar o prestígio. O Diretor Econômico sai do mercado, mas abre espaço aos grandes jornais explorarem ainda mais os assuntos da área

econômica e deixa ainda sua marca pioneira que se perpetua até hoje no jornalismo econômico: a cobertura de negócios.

A imprensa alternativa como o semanário Opinião, cujo público é politizado e oposicionista, também faz uma interpretação crítica da macroeconomia do País cobrindo assuntos e fatos censurados. “Numa rápida consulta, poderíamos apontar alguns exemplos: o jornal Opinião abordando ocorrência suspeita nas obras da Usina de São Simão, em Minas Gerais (número 28, 14 a 21/05/73), analisando a convivência da indústria automobilística com a política de crescimento do país (número 97, 16/09/74), ou ainda veiculando uma matéria denunciando as pressões (contratos de riscos) contra a Petrobrás (número 153, 10/10/75).”²⁵

Em 1973, a primeira crise do petróleo elevou os preços internacionais do produto, prejudicou a balança comercial brasileira e o regime militar colocou em ação o IIPND, ou seja, a industrialização nacional para substituição das importações. Porém, o desenvolvimento desta fase tinha como base o Estado autoritário, empresários nacionais e empréstimos de capital estrangeiro que causaram um endividamento e conseqüente aumento da dependência. O segundo choque do petróleo em 1979, foi a gota d’água para já abalada economia.

O deslumbramento da farsa chamada de “milagre econômico” acabou e iniciou-se a quebra dos laços entre o empresariado e o Estado. Há necessidade de um jornalismo econômico mais especializado, crítico e profissional, surgem então o jornal Gazeta Econômica e as revistas especializadas Exame e Visão. Os prestigiados veículos informativos de assuntos econômicos no mundo como The Economist, Financial Times e The Wall Street Journal fazem acordos com alguns veículos nacionais, autorizando a reprodução de seus artigos.

6. O jornalismo de negócios e de prestação de serviços

²⁵ FARIA, Armando Medeiros de. *O jornalismo econômico e a cobertura sobre a privatização* (1990/1991). Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1994. Pg. 29.

O jornalismo de negócios e de prestação de serviços semelhante ao praticado atualmente surgiu por volta de 1968, quando a imprensa serviu como principal fonte de informações à população no auge da Bolsa. Como foi visto anteriormente, naquela época o jornalismo econômico ensinava aos cidadãos comuns como negociar na Bolsa e a forma de lucrar investindo nela. Esse jornalismo didático e de prestação de serviços é fortalecido com a crise da dívida externa, com o desemprego e com o crescimento galopante das taxas de inflação no início dos anos 80.

A imprensa naquele momento não se limita mais a ajudar a população na especulação do mercado financeiro, mas também a se defender do caos econômico que levou o país a uma das maiores recessões do século passado. “Durante toda a década de 80 e início dos anos 90, a cobertura econômica permanece centrada em taxas de inflação e planos de governo para combatê-la. Consolida-se um tipo novo de jornalismo, de prestação de serviços, voltado para a orientação financeira do leitor. Com a ciranda financeira se desenvolvendo, o jornalismo passa a dar dicas aos leitores sobre as melhores opções de investimentos para garantir a proteção do patrimônio e do salário.”²⁶

A linguagem mais acessível é outra característica importante do noticiário econômico de prestação de serviços. “É quando surge a figura de Joelmir Beting, vulgarizando (no bom sentido) a economia. Com sua linguagem rica em imagens, leve e irônica, Beting passa a construir comentários em tom de crônica. O leque de seus leitores amplia-se formidavelmente.”²⁷ Através dessa linguagem acessível e uma postura didática, o jornalismo econômico conquista a classe média que busca informações para não perder mais com a crise e se proteger dela.

²⁶ ESPOSITO, Maurício Pontes. *A reestruturação de setor elétrico brasileiro na visão do jornalismo econômico*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000. Pg. 62.

²⁷ NASSIF, Luis. *Seminários de Jornalismo da Folha de S. Paulo*. 1986, Pg. 73.

Segundo o jornalista Luis Nassif, o Jornal da Tarde começa em 77/78 a moldar um jornalismo econômico mais acessível, “Na ocasião, o jornal realizou um enorme investimento na criação da editoria de Economia. Tendo como editor Celso Ming, como subeditor Antônio Carlos Godoy e chefe de reportagem José Roberto Nassar, a editoria passa a tentar abordar a economia da ótica do consumidor. O que interessa no fato econômico é o que afeta diretamente o bolso do consumidor.”²⁸ A imprensa passa a orientar os leitores e explicar o processo da economia nacional e global. O jornalismo de serviços informa os leitores como ler contas de consumo como telefone, luz e água, orienta os consumidores sobre o pagamento de impostos, como calcular a prestação da casa própria, como se defender contra abusos das taxas embutidas nas compras a prazo, explica as mudanças de moedas e os pacotes econômicos. O novo jornalismo preocupado com o bolso do consumidor atrai leitores da classe média que buscam informações sobre aumento de aluguel, financiamento de automóveis, aposentadoria, dicas de compras, FGTS, tarifas públicas etc.

O jornalismo de negócios também surge nesta época de crise econômica. “Desemprego, demissões, quebra da expectativa de progresso na classe média, entre outros fatores, acabam levando as pessoas a se decidirem por abrir o seu próprio negócio.”²⁹ Por um lado, os jornais davam instruções e dicas de oportunidades de empreendimentos para driblar a crise, por outro, havia matérias de sucesso empresarial com a intenção de insuflar uma visão mais otimista e esperançosa na sociedade. Segundo Faria, o desenvolvimento deste tipo de jornalismo se deu também pela queda no mercado publicitário; o jornalismo de negócios era uma nova forma de atrair anunciantes, publicavam um *press-release* da empresa e conseguia um anúncio de tabela.

Com o fim do regime militar, o jornalismo econômico atinge o seu auge de prestígio e as editorias de economia dos principais veículos são as que mais atraem jornalistas famosos.

²⁸ NASSIF, Luis. *Seminários de Jornalismo da Folha de S. Paulo*. 1986, Pg. 73.

²⁹ FARIA, Armando Medeiros de. *O jornalismo econômico e a cobertura sobre a privatização* (1990/1991). Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1994. Pg. 42.

Porém, segundo Quintão, a grande maioria dos jornalistas de economia tinham uma visão geral da área e reconhecendo suas limitações, deixavam-se guiar pelas pautas dos editores, *press-releases* e das informações *off the record*. Segundo Ramadan, um outro problema comum era que poucos jornalistas conheciam matemática financeira e para fazer um cálculo de taxa de CDB, tinham que ligar para a fonte e esta fazia o cálculo. Pela falta de conhecimentos financeiros específicos, os jornalistas eram obrigados apenas a repetir as informações fornecidas pelas fontes, e com isso não eram raros os casos de grandes golpes aos investidores. Para desmascarar as fontes, os jornalistas tiveram que reconhecer seus limites e realizar cursos de especialização para exercer sua profissão. Para Nassif, “é fundamental para o jornalista saber matemática financeira, que tenha preparo, porque nessa área ele é um analista e não um mero repórter.”³⁰

Porém, esse jornalismo de linguagem acessível e didática não foi e não é suficiente para esclarecer a profundidade e complexidade dos assuntos dessa área. “A maioria dos leitores e dos telespectadores, mesmo os instruídos, como os estudantes universitários, não consegue decodificar o noticiário econômico. Para o grande público, a economia adquiriu, ao mesmo tempo, significados elementares, ligados ao seu dia-a-dia, e outros abstratos, de difícil compreensão. O desafio de traduzir processos econômicos complexos em linguagem acessível não foi vencido, seja porque os processos econômicos se definem num outro plano de saber que não o do saber convencional, seja devido à sua instrumentalização ideológica crescente.”³¹

7. O jornalismo econômico pós Plano Real

³⁰ RAMADAN, Nancy Nuyen Ali. *Jornalismo econômico de prestação de serviços e instituições financeiras* – uma revisão necessária. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1994. Pg. 35.

³¹ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo econômico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. Pg. 14.

A censura formal da época do regime militar, a hiperinflação e os inúmeros pacotes econômicos acabaram contribuindo de certa maneira na especialização e no aperfeiçoamento da cobertura de assuntos econômicos. Os jornalistas tinham que decifrar termos e medidas técnicas de um novo pacote anunciado, analisá-los, interpretar as consequências na vida do cidadão, na saúde financeira da empresa e na economia nacional em geral, ou seja, compreender micro e macroeconomicamente as frequentes mudanças na política econômica nacional e mundial e passar essas informações utilizando uma linguagem compreensível para leigos.

Com o Plano Real, mais especificamente, a inflação é controlada, a economia é estabilizada e o jornalismo econômico também vai se adaptando à nova realidade. O papel do jornalismo econômico de prestação de serviços que até então era de ensinar a população a se proteger contra a corrosão do seu dinheiro com a hiperinflação, passa a ter outro perfil, de apresentar à população as diversas possibilidades de investimentos e aplicações de curto, médio e longo prazo, de mostrar ao consumidor que as parcelas de uma compra financiada não mais serão desvalorizadas com a inflação e de convencer as pessoas de que não é mais necessário encher o carrinho de supermercado no dia do pagamento do salário etc., enfim, conscientizar a população de que a inflação estava sob controle e tirar os vícios do cotidiano de um cidadão que viveu diversos anos em uma economia hiperinflacionária. Segundo, o pesquisador Omar Lopes, o espaço deixado pela inflação no jornalismo de serviços vai sendo ocupado por outros temas variados como dicas de lazer, profissão, autoajuda, aprofundamento espiritual, complementação dos estudos e viagens de turismo.

Na medida em que ocorrem as privatizações surgem também as oportunidades de negócios, o que era quase impossível na época em que havia um monopólio de estatais. As empresas transnacionais adquirem empresas-chaves da economia e assumem o papel de principais atores no direcionamento da economia do país. Estratégias mercadológicas, reengenharia, novos padrões de qualidade, marketing institucional, bem-estar no ambiente de trabalho, administração das horas vagas, flexibilidade, terceirização, produtividade e

modernização tecnológica são alguns assuntos que passam a ser discutidos nas reuniões de pauta. Nota-se, portanto, um esvaziamento de uma reflexão macroeconômica e uma valorização da microeconomia das empresas na imprensa econômica em geral.

Com o processo de globalização econômica ocorre um aumento exagerado nas importações, uma volatilidade dos fluxos de capitais, crises cambiais e um fortalecimento dos mercados financeiros. As operações financeiras internacionais são facilitadas tanto com a globalização quanto com o desenvolvimento das transações *online* e o mercado financeiro conquista espaço e destaque na cobertura econômica. O jornalismo econômico resgata, de certa maneira, a postura do *boom* da Bolsa e tenta convencer até os menos endinheirados a investirem na bolsa de valores, um exemplo disso é a possibilidade de trabalhadores adquirirem ações da Petrobrás (em 2001) e da Vale do Rio Doce (em 2002) com parte do FGTS no processo de privatização das duas empresas.

Se nos tempos da hiperinflação, a imprensa econômica ensinou a população a buscar investimentos para não perder tanto, neste momento, ela a orienta como aplicar o dinheiro para render cada vez mais. É importante ressaltar que os veículos de assuntos econômicos servem de guia de investimentos e negócios para empresários e leitores em geral, a característica de “palpiteiro” é muito clara na imprensa econômica atual. Isto é, como nos Estados Unidos e na Europa, o jornalismo econômico passa a ser um veículo de “palpites” financeiros para o enriquecimento individual e não um meio de debates macroeconômicos e suas consequências sociais.

O interesse na rentabilidade, no enriquecimento e no sucesso individual que é estimulado pelo sistema capitalista neoliberal mundial, é também refletido no conteúdo das páginas dos jornais econômicos. Matérias sobre estratégias mercadológicas de empresas concorrentes, competitividade, mobilidade do capital industrial, fusões e aquisições, como alcançar sucesso dentro da empresa e aperfeiçoamento profissional, mercados financeiros e mercados de capitais,

reações dos mercados, tendências, informações sobre investimentos e riscos atendem aos anseios do indivíduo como pessoa física e como profissional da sociedade globalizada. Além das mídias tradicionais, as pessoas buscam também informações e dicas de especulação financeira através da internet, 24 horas por dia. A quantidade imensurável de informações que são rapidamente superadas e substituídas por outras resulta em uma sociedade obesa de informações e faminta de conhecimentos.

Apesar do momento político permitir uma liberdade ao jornalista desenvolver uma cobertura mais crítica, a imprensa econômica brasileira ainda parece estar presa a uma tradição do regime militar de repetir notícias das grandes agências, das fontes oficiais como o governo e assessorias de imprensa de grandes corporações e não questionar a hegemonia de algumas economias sobre as outras. Hoje, ouvem-se opiniões divergentes, mas não há um debate aprofundado do tema, e como suas fontes principais são o governo e o empresariado, pode-se concluir que a versão predominante ainda é da classe dominante. Uma outra característica da imprensa econômica brasileira é a sua estreita ligação com o grande empresariado, o que pode, muitas vezes, causar uma distorção involuntária dos fatos e informações.

“Desta forma, a imprensa acaba valorizando um discurso hegemônico que reduz a compreensão dos fatos por simplificar processos econômicos complexos. Suas inúmeras consequências são deixadas de lado. O debate, essencial para o entendimento, fica prejudicado. E esse discurso hegemônico, no final das contas, acaba sendo a explicação final para a conjuntura e evita a compreensão da complexidade e gravidade dos acontecimentos atuais.”³²

8. O jornalismo econômico em tempo real

³² ESPOSITO, Maurício Pontes. *A reestruturação de setor elétrico brasileiro na visão do jornalismo econômico*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000. Pg. 72.

Se nos anos 90 havia dúvidas sobre a existência de alguma possibilidade dos leitores de revistas e jornais migrarem para uma tela de computador e terem que rolar a página com um mouse, hoje a cobertura da imprensa em tempo real é considerada um procedimento comum e esperado pelos leitores. Hoje o intervalo entre o acontecimento e a divulgação da notícia está muito menor do que há duas décadas e não poderia ser diferente, o perfil do leitor e o comportamento dele também sofreram alterações nesse tempo, hoje não se espera chegar em casa após um dia de trabalho para fazer as ligações pessoais, fazemos no momento que lembramos da pessoa, aliás mandamos um WhatsApp e ainda conseguimos visualizar que a mensagem foi recebida e lida em um horário X e ansiosamente esperamos que a pessoa responda em tempo real, naquele exato minuto.

O avanço tecnológico mundial somado à dependência cada vez maior da economia brasileira em relação ao capital estrangeiro e a possibilidade de ganhos em aplicações financeiras muito maiores do que com a atividade produtiva, acelerou o crescimento do mercado financeiro e, conseqüentemente, a valorização desse assunto nas páginas dos jornais de economia no final dos anos 90. É também nesse período, mais especificamente em 1999, que ocorreu o início das operações de *home-broker* no Brasil, que é a forma de negociação de papéis em Bolsa de Valores por meio de ordens emitidas em meio eletrônico para corretoras de títulos mobiliários regularmente credenciadas. Essa tecnologia que proporciona acesso a negociações em renda variável através da internet marcou a real entrada das pessoas físicas no mercado de capitais nacional, a BM&F Bovespa.

“Reuters, Bloomberg, Associated Press, entre muitas estrangeiras, Agência Estado e Broadcast, Agência Globo, Dinheiro Vivo, Gazeta Mercantil e Investnews, entre outras tantas brasileiras, são ou foram exemplos de empresas com atuação na distribuição de informações em tempo real, por suportes diversos(ou redes fechadas), já desde antes da abertura da internet ao público. Todas elas, com diferentes níveis de investimentos, adotaram depois o suporte internet

para distribuir parte ou totalidade de suas informações desde que ela se abriu ao público em meados dos anos 1990.”³³

A internet abriu grandes possibilidades na cobertura econômica, principalmente, sobre o assunto de finanças pessoais. O investidor passou a ter a oportunidade de ter uma calculadora que faz simulação enquanto vê a cotação de uma ação, checar enquanto está com um olho em um gráfico comparar o retorno de dois tipos de aplicação apenas com alguns toques no seu mouse, pode acessar naquele momento o sobe e desce das ações em tempo real e ler as análises do setor que tentam explicar essas mudanças, tudo isso antes de fazer uma decisão onde investir seu dinheiro. Essas possibilidades fizeram com que as redações se reorganizassem, os editores do tempo analógico tiveram que passar a aprender, entender essas transformações e apesar das críticas sobre a queda da qualidade das notícias, a agilidade cada vez maior, a sobrecarga de trabalho, confortáveis ou não com as mudanças não se pode reconhecer que o jornalismo online e em tempo real continuará em ascensão.

Referências

ESPOSITO, Maurício Pontes. **A reestruturação de setor elétrico brasileiro na visão do jornalismo econômico**. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000.

FARIA, Armando Medeiros de. **O jornalismo econômico e a cobertura sobre a privatização (1990/1991)**. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1994.

KIRSCH, Donald. **Financial and economic journalism: analysis, interpretation and reporting**. New York: New York University Press, 1978.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

³³ SERVA, Leão. A desinformação dos jornais. São Paulo: Editora Reflexão, 2014. Pgs. 48~49.

KYNASTON, David. **The Financial Times** – a centenary history. Reino Unido: Viking, 1988.

Lloyds List; **Collection of The Improvement of Hunsbandry and Trade**; Course of Exchange; Lloyds News.

LOPES, Omar Barreto. **Fatos e números** - valores-notícias, quantidades e o poder das fontes no jornalismo econômico. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo.

NASSIF, Luis. **Seminários de Jornalismo da Folha de S. Paulo**. 1986

PARSONS, Wayne. **The power of the financial press**. Rutgers University Press, 1989.

QUINTÃO, Aylê Salassí F. **O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

RAMADAN, Nancy Nuyen Ali. **Jornalismo econômico de prestação de serviços e instituições financeiras** – uma revisão necessária. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1994.

SERVA, Leão. **A desinformação dos jornais**. São Paulo: Editora Reflexão, 2014.